



Confederação da Agricultura
e Pecuária do Brasil



CEPEA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM
ECONOMIA APLICADA - ESALQ/USP

Dezembro/2016

PIB do Agronegócio **BRASIL**

| GDP Agribusiness – Brazil Outlook



Relatório PIBAgro-Brasil

GDP AGRIBUSINES – BRAZIL OUTLOOK

O Relatório PIB Agro – Brasil é uma publicação mensal resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

O cálculo do PIB do agronegócio é feito pela ótica do valor adicionado, a preços de mercado, computando-se os impostos indiretos líquidos de subsídios. A quantificação dessa medida reflete a evolução do setor em termos da renda real, a qual se destina à remuneração dos fatores de produção: trabalho (salários e equivalentes), capital físico (juros e depreciação), terra (aluguel e juros) e lucros. Considera-se, portanto, no cômputo do PIB do agronegócio o crescimento tanto do volume produzido como dos preços, já descontada a inflação.

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: (a) insumos para a agropecuária, (b) produção agropecuária básica ou, como também é chamada, primária ou “dentro da porteira”, (c) agroindústria (processamento) e (d) serviços. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o setor agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.

É importante destacar que este relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, pode, portanto, haver alteração dos resultados de meses e também de anos passados. Recomenda-se, portanto, o uso do relatório mais atualizado.

Os cálculos sobre a variação do volume partem das mais recentes projeções de safra para o ano em curso. Essas quantidades são confrontadas com as projeções de volume correspondentes do ano anterior. A variação obtida entre os dois anos é, então, usada para o cálculo da taxa mensal de variação do volume, bem como da taxa acumulada a partir de janeiro do ano em curso. No final do ano, a taxa acumulada por esse procedimento coincidirá com a taxa de variação do volume (confirmado e não mais projetado) entre o ano corrente e o anterior. Quanto aos preços, a comparação é feita entre a média real do período (número de meses) transcorrido no ano corrente e a média real do mesmo período do ano anterior. Essa variação anual é, então, usada para o cálculo da taxa mensal e da taxa acumulada desde janeiro do ano em curso.

NOTA:

O impacto da revisão do PIB brasileiro divulgada em março de 2015 pelo IBGE sobre o agronegócio ainda está em avaliação pelo Cepea. Em relatórios futuros serão destacadas, caso haja, as mudanças decorrentes da nova metodologia do IBGE.

EQUIPE RESPONSÁVEL:

Coordenação Geral: Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Ph.D, Pesquisador Chefe/Coordenador Científico do Cepea/Esalq/USP.

Pesquisadores do Cepea: Dra. Adriana Ferreira Silva, Dr. Arlei Luiz Fachinello, Ma. Nicole Rennó Castro, Me. Leandro Gilio e Bel. Gustavo Ferrarezi Giachini.

SUMÁRIO



AGRONEGÓCIO

Ramo agrícola impulsiona crescimento do PIB em 2016	4
Figura 1 - Taxa de crescimento do PIB do Agronegócio	5



SEGMENTO DE INSUMOS

Preços de rações fecham o ano em alta	6
Figura 2 - Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a outubro – 2016/2015)	6



SEGMENTO PRIMÁRIO

Ramo agrícola e preços em alta sustentam elevação do segmento primário.	8
Figura 3 - AGRICULTURA: Variação anual de volume, preços e faturamento (janeiro a novembro - 2016/2015)	9
Figura 4 - PECUÁRIA: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a novembro - 2016/2015)	10



SEGMENTO INDUSTRIAL

Indústria agropecuária mantém em 2016	11
Figura 5 - AGROINDÚSTRIAS: Variação anual do volume, preços e faturamento (janeiro a novembro – 2016/2015)	12

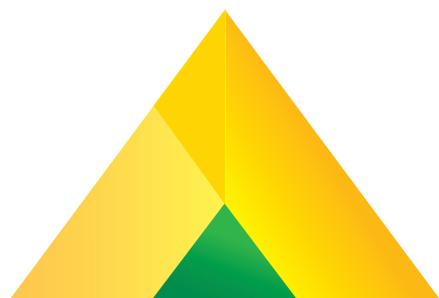


SEGMENTO DE AGROSSERVIÇOS



CONCLUSÕES

Tabela 1 - Variação do PIB do agronegócio nacional (%)	14
Tabela 2 - Variações Mensais e Acumulada no ano (%) da Agroindústria 2016	16
Tabela 3 - PIB do agronegócio brasileiro de 1994 a 2016 (R\$ bilhões de 2016*) ..	17





AGRONEGÓCIO

RAMO AGRÍCOLA IMPULSIONA CRESCIMENTO DO PIB EM 2016

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, com o apoio financeiro da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), apresentou crescimento de 0,11% em dezembro, acumulando alta de 4,48% em 2016. O ramo agrícola cresceu 0,18% no mês, com alta de 5,77% no ano, enquanto o pecuário apresentou leve queda de 0,04% em dezembro, mas ainda acumulou elevação de 1,72% em 2016 – Figuras 1 e 2.

Quanto aos segmentos do ramo agrícola, em dezembro, insumos e primário tiveram recuos de 0,49% e 0,06%, respectivamente, enquanto indústria e serviços registraram aumentos de 0,32% e 0,42%, na ordem – Figura 1. No acumulado de 2016, o movimento foi de alta para todos os segmentos, com destaque para o primário (10,12%), seguido por serviços (6,25%), indústria (3,30%) e insumos (2,49%) – Figura 2.

No ramo pecuário, indústria e serviços apresentaram respectivas quedas de 0,49% e 0,23% em dezembro, enquanto insumos e primário cresceram 0,32% e 0,07%. – Figura 1. No acumulado do ano, verifica-se leve retração apenas no segmento industrial (-0,09%), com variação positiva nos demais: insumos (4,24%), primário (2,01%) e serviços (0,70%) – Figura 2.

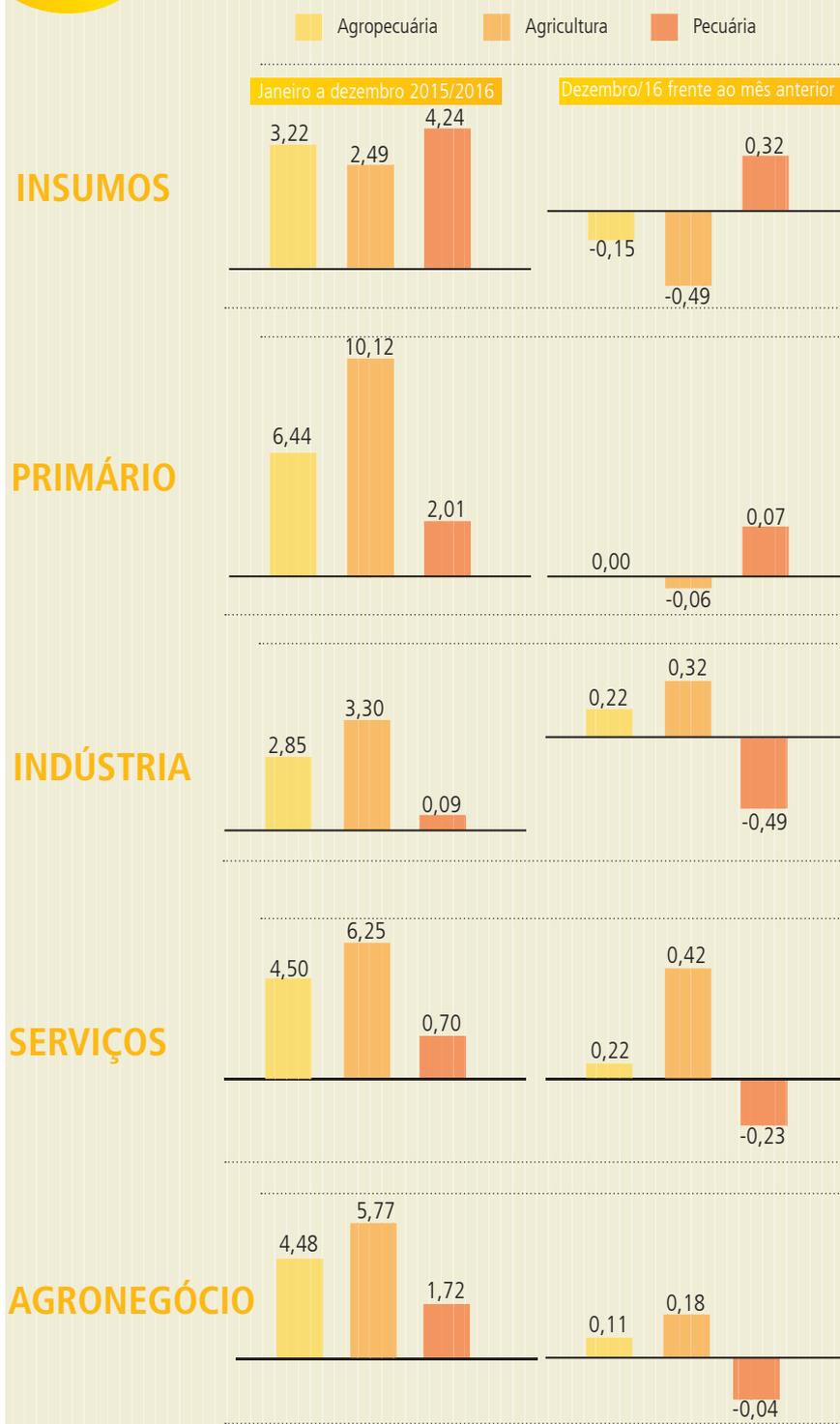


CEPEA

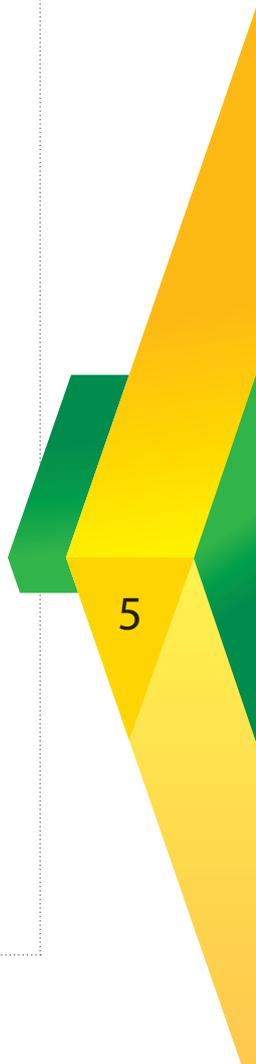


Figura 1 - Taxas de crescimento do PIB do agronegócio (%)

Fonte: Cepea/USP e CNA



CEPEA



PREÇOS DE RAÇÕES FECHAM O ANO EM ALTA

O segmento de insumos agropecuários apresentou queda de 0,15% em dezembro, mas acumulou crescimento de 3,22% em 2016 (Figuras 1 e 2).

A indústria de rações apresentou variação positiva na receita anual (12,91%), decorrente da elevação dos preços reais (11,80%) e do aumento da produção no ano (1,00%). De acordo com o Sindirações, o primeiro semestre foi marcado pela alta dos preços do milho e farelo de soja, o que desestimulou grande parte dos pecuaristas. Já no segundo semestre, houve uma retomada deste mercado, refletindo a redução nos custos da alimentação animal e o incentivo da demanda pela pecuária leiteira, favorecida pela alta dos preços do leite.

As indústrias de fertilizantes e adubos

apresentaram queda no faturamento anual, de 15,49%, reflexo da redução observada nos preços, de 14,41%, já descontado a inflação, e na produção anual, de 1,27% – Figura 3. Segundo agentes de mercado, apesar das boas vendas de fertilizantes em 2016, a mobilização de estoques associada à valorização cambial ao longo do período (apreciação do Real frente ao dólar) levaram à menor quantidade produzida nacionalmente.

Para a indústria de combustíveis e lubrificantes, o faturamento anual caiu 18,03% no ano, pressionado pela queda de 10,41% nos preços, na comparação entre janeiro e dezembro de 2016 frente ao mesmo período do ano anterior, e pela redução na quantidade produzida (-8,50%) – Figura 3.



Figura 2 - INSUMOS: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento • janeiro a dezembro – 2016 /2015 (%)

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborador a partir dos dados do IBGE, FGV, ANDA e Sindirações)

	Comb. e Lubrificantes	Fertilizantes e Adubos	Alim. para animais
Valor	-18,03%	-15,49%	12,91%
Preço	-10,41%	-14,41%	11,80%
Quantidade	-8,50%	-1,27%	1,00%



CEPEA

SEGMENTO PRIMÁRIO

RAMO AGRÍCOLA E PREÇOS EM ALTA SUSTENTARAM ELEVAÇÃO DO SEGMENTO PRIMÁRIO EM 2016

A pesar da estabilidade em dezembro, o segmento primário do agronegócio acumulou alta de 6,44% em 2016. Entre os ramos, o segmento primário da agricultura registrou crescimento de 10,12% no ano (Figura 2). O resultado positivo veio do aumento nos preços reais médios da agricultura, de 15,87%, embora tenha sido estimada redução de 4,07% na produção anual média, entre as atividades agrícolas acompanhadas.

O comportamento das culturas agrícolas – com base nas estimativas anuais de safra e na relação entre os preços de janeiro a dezembro de 2016 em comparação com 2015 – é apresentado na Figura 4. Com base nas informações obtidas até o fechamento deste relatório, as lavouras que apresentaram crescimento no faturamento anual são: banana (52,09%), batata (10,34%), café (18,41%), cana-de-açúcar (18,00%), feijão (19,48%), laranja (42,47%), mandioca (112,53%), milho (17,14%), soja (1,95%) e trigo (26,90%).

Para o café, o aumento na renda esperada de 18,41% para o ano é reflexo do crescimento na produção (18,81%), visto que os preços reais recuaram 0,34% no período acompanhado. Segundo a Conab, o ano de 2016 foi marcado por aumento de área e produtividade da cafeicultura nacional do arábica, com assimilação de áreas de produção que estavam em fase de formação e renovação. Também se destaca a ocorrência de bialidade positiva e condições de climáticas favoráveis nas principais regiões produtoras. Por outro lado, a produção de robusta caiu em 2016, refletindo adversidades climáticas como seca a má

distribuição de chuva nos principais estados produtores da variedade, como Espírito Santo, Rondônia e Bahia. De acordo com a equipe Café/Cepea a baixa oferta do café robusta no mercado elevou significativamente os preços da variedade no ano, que pela primeira vez na história superou a cotação média do arábica.

Para a cana-de-açúcar, a variação positiva no faturamento anual é reflexo da elevação nas cotações reais (13,08%) e do aumento de 4,35% esperado para a produção. De acordo com a Conab, o clima favoreceu o desenvolvimento da cultura em 2016, ao elevar a umidade do solo em São Paulo, Paraná e regiões do Nordeste. Além disso, houve grande ocorrência de cana bisada, colhida no período, em várias regiões produtoras.

No caso da laranja, o aumento das cotações reais (49,27%) sustentou o resultado positivo do faturamento anual da cultura, dado que a produção registra queda estimada em 4,56%. Segundo a equipe Hortifrutti/Cepea, a baixa oferta de laranja somada à elevada industrial impulsionou significativamente os preços – a remuneração das processadoras de suco manteve-se em alta no ano. A menor disponibilidade, por sua vez, decorreu do clima desfavorável (quente) durante o “pegamento” dos chumbinhos no final de 2015, prejudicando a fase de desenvolvimento da fruta colhida em 2016.

Para a soja, o aumento no faturamento anual é reflexo da alta registrada nos preços (2,8%), visto que a quantidade produzida teve recuo projetado em 0,82% em 2016. De acordo com a Conab, o clima desfavorável provocou atraso no plantio em diversos estados



CEPEA

produtores. Segundo a equipe Grãos/Cepea, os preços da oleaginosa subiram durante o ano, em decorrência da postura retraída dos produtores, da elevada demanda interna e externa e da desvalorização do Real frente ao dólar.

Quanto ao milho, o aumento dos preços (49,08%) em 2016, em comparação com 2015, já descontada a inflação, foi responsável por sustentar a variação positiva no faturamento anual esperado, visto que a quantidade produzida recuou 21,43%. Segundo a equipe Grãos/Cepea, o adiantamento das negociações no final da temporada passada e a forte quebra na produtividade da safra 2015/16, que gerou a menor produção das últimas cinco temporadas, impulsionaram os valores domésticos do cereal na maior parte do último ano. O elevado patamar de comercialização do milho, por sua vez, resultou em mudanças na dinâmica de mercado do cereal, com descolamento dos preços regionais, forte redução das exportações e elevação das importações no segundo semestre.

No caso da mandioca, o faturamento esperado para o ano foi garantido pela forte elevação de preços (106,74%), frente a 2015, conjuntamente ao aumento a maior produção anual avaliada (2,80%). De acordo com pesquisadores da equipe Mandioca/Cepea, o ano de 2016 foi marcado por altas nos preços devido à crescente demanda industrial. Apesar das cotações em alta e da elevação de produção, não houve um aumento significativa de área no ano.

Quanto à banana, a variação positiva no faturamento anual é reflexo da elevação nas cotações reais (49,52%) e do aumento de 1,72% esperado para a produção. De acordo com a equipe Hortifruti/Cepea o cultivo de banana em alta rentabilidade ao longo do ano se deu em razão dos preços maiores.

No caso da batata, o aumento das cotações reais (8,44%) e de produção (1,75%) proporcionaram resultado positivo do faturamento anual para a cultura. Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, o excesso de chuvas em todas as regi-

ões pesquisada, durante inclusive a colheita, somado à diminuição da área cultivada limitaram a oferta do produto, elevando os preços em 2016.

Para o feijão, o aumento das cotações reais (52,63%) sustentou o resultado positivo do faturamento anual esperado para a cultura, embora a produção estimada tenha registrado queda, de 21,72%. Segundo a Conab, a redução na área plantada da cultura, em razão de escassez hídrica, provocou uma queda na produção, elevando significativamente os preços no mercado.

Em relação ao trigo, a variação positiva no faturamento anual é devido à elevação nas cotações reais (4,41%) e ao aumento da produção, estimado em 21,53%. De acordo com a Conab, o clima favoreceu ganhos de produtividade da cultura.

Os produtos com projeção de queda no faturamento anual, considerando-se informações disponíveis até o fechamento deste relatório, são: algodão (8,23%), arroz (4,21%), cacau (15,49%), cebola (15,83%), fumo (22,16%), tomate (45,23%) e uva (24,71%) – Figura 4.

No caso do algodão, a redução no faturamento deve-se à queda de 17,54% na produção em 2016, já que os preços reais aumentaram 11,29% na comparação com o ano anterior. Segundo a Conab, o estresse hídrico e as altas temperaturas enfrentadas pela cultura reduziram a produtividade, bem como a área de produção.

Para o arroz, a queda no faturamento esperado anual também se atrela à redução na quantidade produzida, estimada em 14,80%, apesar de os preços terem aumentado 12,43% de 2015 para 2016. De acordo com a Conab, o excesso de chuvas e a baixa luminosidade atrasaram o plantio, prejudicando a produção e a produtividade do arroz no Rio Grande do Sul. Segundo a equipe Grãos/Cepea, a falta do produto no mercado impulsionou o setor varejista e atacadista a reporem os estoques de arroz beneficiado.

Com relação ao tomate, a queda nos preços reais (-38,64%), em 2016 frente a



2015, foi decisiva para que a variação no faturamento para o ano fosse negativa. Além disso, a redução na quantidade produzida esperada é estimada em (-10,74%). De acordo com a equipe Hortifrúti/Cepea, o clima frio e chuvoso prejudicou a produção de mudas de tomate no estado do Paraná. Já na região paulista a queda na produção foi motivada pela redução do financiamento das lavouras.

No caso do cacau, a redução no faturamento deve-se à queda de 21,38% na produção anual, uma vez que os preços reais aumentaram 7,49% sobre 2015. Segundo a Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau, a queda na produção nacional da cultura esta relacionada à crise hídrica ocorrida na Bahia, principal estado produtor, resultando em uma insuficiência na oferta de cacau para indústria brasileira,

elevando os preços do produto no mercado.

Para a uva, a queda no faturamento esperado anual atrela-se a queda na produção de 34,08%, enquanto a cotação da cultura cresceu 14,22%, no comparativo entre 2015 e 2016.

De acordo com a equipe Hortifruti/Cepea, a área de produzida com uva diminuiu em decorrência da baixa rentabilidade apresentada no período analisado, elevando a cotação da fruta.

Na Figura 4, são apresentadas as variações de volume, preços e de faturamento das atividades primárias da agricultura.



Figura 3 - AGRICULTURA: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento • janeiro a dezembro - 2016 / 2015 (%)

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP)

	Algodão	Arroz	Banana	Batata	Cacau
Valor	-8,23	-4,21	52,09	10,34	-15,49
Preço	11,29	12,43	49,52	8,44	7,49
Quantidade	-17,54	-14,80	1,72	1,75	-21,38

	Café	Cana	Cebola	Feijão	Fumo
Valor	18,41	18,00	-15,83	19,48	-22,16
Preço	-0,34	13,08	-22,18	52,63	0,02
Quantidade	18,81	4,35	8,16	-21,72	-22,17

	Laranja	Mandioca	Milho	Soja	Tomate
Valor	42,47	112,53	17,14	1,95	-45,23
Preço	49,27	106,74	49,08	2,80	-38,64
Quantidade	-4,56	2,80	-21,43	-0,82	-10,74

	Trigo	Uva
Valor	26,90	-24,71
Preço	4,41	14,22
Quantidade	21,53	-34,08



CEPEA

No segmento primário da pecuária, houve crescimento de 0,07% em dezembro, com elevação acumulada de 2,01% em 2016. Os resultados estão atrelados ao aumento esperado na produção anual média e à elevação dos preços médios reais das atividades acompanhadas. Para o preço médio ponderado, estima-se o aumento de 2,57% no ano, enquanto para a produção, a expectativa é de retração de 0,46%.

Para a bovinocultura de corte, a queda esperada no faturamento anual é reflexo da redução na produção esperada, estimada em -1,90%, e no recuo nos preços reais (-4,61%) em relação a 2015. Segundo a equipe Boi/Cepea, a crise econômica interferiu negativamente na atividade, diminuindo o consumo da carne bovina, resultando em quedas nos preços reais. Já em relação ao mercado externo, o volume exportado em 2016 cresceu, mas abaixo do esperado pelo setor.

No caso do leite, observou-se recuo de 3,7% na produção, mas a forte elevação de 19,62% nas cotações impulsionou o faturamento da atividade no ano. De acordo com pesquisadores da equipe Leite/Cepea, o preço real recebido pelos produtores em 2016 foi o maior de toda a série histórica do Cepea, iniciada em 2004. Os aumentos concentraram-se especialmente entre janeiro e agosto, motivados por efeitos climáticos que prejudicaram a produção. Após este período, observou-se recuo nas cotações.

Na avicultura de corte, o aumento dos preços reais, de 0,47% entre 2015 e 2016, e a projeção de aumento na produção (0,77%) resultaram em variação positiva (1,24%) no faturamento anual. Para a avicultura de postura, o destaque foi o aumento de 16,69% no preço na comparação entre períodos. Para a produção, espera-se crescimento de 5,81% em relação a 2015. Segundo a equipe Frango/Cepea, apesar do aumento no custo de produção devido a oferta limitada de milho ao longo do ano, a atividade mostrou-se rentável nos principais estados produtores. Avalia-se, ainda, que a elevação da demanda por proteínas avícolas tenha sido favorecida pelo cenário de crise econômica, que levou o consumidor final pela busca de proteínas de menor preço.

Com relação à suinocultura, a queda no faturamento anual esperado ocorre devido à retração observada nos preços reais (-6,96%), na comparação entre janeiro e dezembro de 2016/15, visto que a produção aumentou 8,17% na projeção anual. De acordo com a equipe de Suínos/Cepea, o preço elevado do milho elevou significativamente o custo de produção da atividade, resultando em alta nos preços da carne no mercado em um ano de demanda retraída.

Na Figura 5, estão as variações dos preços reais, dos volumes produzidos e do faturamento das atividades da pecuária em 2016, no comparativo com 2015.



Figura 4 - PECUÁRIA: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento • janeiro a dezembro – 2016 / 2015 (%)

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do Cepea e do IBGE)

	Boi Gordo	Frango	Leite	Ovos	Suínos
Valor	-6,42	1,24	15,18	23,46	0,64
Preço	-4,61	0,47	19,62	16,69	-6,96
Quantidade	-1,90	0,77	-3,71	5,81	8,17



CEPEA

INDÚSTRIA AGROPECUÁRIA MANTÉM EM 2016

A agroindústria nacional cresceu 0,22% em dezembro, acumulando alta de 2,85% de janeiro a dezembro de 2016 frente ao mesmo período de 2015 (Figuras 1 e 2). O cenário observado em dezembro é reflexo da variação negativa nas atividades de processamento animal (-0,49%), já que o processamento vegetal registrou elevação de 0,32%. Para o acumulado de 2016, o ramo agrícola apresentou crescimento de 3,30%, enquanto que o ramo pecuário registrou retração de 0,09%.

Na indústria de base agrícola, assim como observado para o segmento primário deste ramo, o resultado positivo decorre da alta de preços – elevação real média de 6,21% –, visto que houve redução de 2,18% na média ponderada da produção.

No acumulado do ano de 2016, as indústrias que apresentaram aumento no faturamento foram: celulose e papel (1,16%), elementos químicos (etanol) (2,95%), café (9,04%), açúcar (55,04%), óleos vegetais (3,60%) e outros alimentos (6,33%) – ver Tabela 2.

Para a agroindústria de celulose e papel, o faturamento foi sustentado pelo aumento da produção (2,37%), já que os preços recuaram (-1,01%) no acumulado de janeiro a dezembro de 2016 frente ao mesmo período de 2015. Quanto aos preços, observou-se uma desaceleração no decorrer do ano, resultando em variação negativa em dezembro. Em 2016, o setor de papel e celulose chegou a ser beneficiada pelo patamar desvalorizado do Real frente ao dólar, mas, diante do recuo dos preços da celulose provocado pela maior oferta de produto, rentabilidade foi prejudicada.

No mercado de etanol, a variação de preço foi positiva em 12,54% entre 2015 e

2016. A equipe Etanol/Cepea destaca que a valorização do hidratado está atrelada à menor oferta do combustível, visto que usinas permaneceram mais açucareiras no período, enquanto o aumento real do anidro foi impulsionado pela demanda firme. Para a produção, o ano fechou com queda de 8,53%. Segundo a Conab, o aumento do consumo de gasolina impulsionou a produção de anidro. Quanto ao etanol hidratado, a produção recuou devido à estagnação da demanda e ao fato de uma parcela maior da moagem ser destinada à fabricação de açúcar.

Na indústria açucareira, o significativo aumento real dos preços (30,41%) entre 2015 e 2016, e a elevação da produção (18,89%) ampliaram o faturamento anual da atividade em 55,04%. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, esse resultado esteve atrelado ao mercado internacional, dado o déficit global do produto, com redução na produção em importantes players globais, como Tailândia e Índia, que resultou em valorização. Assim, o Brasil pôde aumentar suas exportações, garantindo o aumento na receita anual no setor.

Para as demais indústrias de base agrícola, houve retração acumulada no período: madeira e mobiliário (-9,96%), têxtil (-3,26%), vestuário (-8,89%) e beneficiamento de produtos vegetais (-1,52%) – ver Tabela 2. A queda no faturamento anual destas indústrias foi pressionada pela menor produção, decorrente da diminuição da demanda interna provocada pela crise econômica no país.

Na Figura 6, são apresentadas as variações de volume, preços reais e de faturamento das principais agroindústrias de janeiro a dezembro de 2016, com relação ao mesmo período de 2015.





Figura 5 - AGROINDÚSTRIAS: Variação anual do volume, preços e faturamento • janeiro a dezembro – 2016 / 2015 (%)

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV, Conab, Abic, MDIC, Abiove e Cepea)

	Mad. Mobiliário	Cel., Pap. Gráfica	Elem. Químicos (Etanol)	Têxtil	Vestuário
Valor	-9,96	1,16	2,95	-3,26	-8,89
Preço	-3,76	-1,01	12,54	1,30	-3,28
Quantidade	-6,49	2,37	-8,53	-4,50	-5,80

	Café	Benef. Prod Vegetais	Açúcar	Óleos Veg.	Outros Alim.
Valor	9,04	-1,52	55,04	3,60	6,33
Preço	4,55	3,14	30,41	7,34	6,06
Quantidade	4,30	-4,52	18,89	-3,49	0,12

	Calçados	Abate Animais	Laticínios
Valor	-4,37	-3,25	7,80
Preço	-3,28	-2,90	13,35
Quantidade	-1,10	-0,40	-4,90

Na industrial da pecuária, a de laticínios foi a única a apresentar crescimento no faturamento (7,80%) em 2016. Já as indústrias de abate de animais e de calçados tiveram quedas de 3,25% e de 4,37%, respectivamente – ver Tabela 2.

Para a indústria de laticínios, a variação positiva no faturamento anual foi impulsionada pelo aumento dos preços verificados na indústria, de 13,35% na comparação 2016 e 2015. Para a produção, a quantidade produzida foi 4,90% menor no mesmo período. De acordo com a equipe Leite/Cepea, o alto patamar de preços esteve relacionado à valorização da matéria-prima ao longo do ano, diante da baixa oferta. Com cotações elevadas, houve enfraquecimento da demanda por lácteos, também impactados pela crise.

Na indústria do abate, a variação negativa na receita foi pressionada por menores preços (-2,90%) e pela queda na quantidade produzida, estimada em -0,40% para 2016

frente a 2015. Com uma economia em recessão, consumidores brasileiros buscaram alternativas, com consumo de proteínas de menor valor (ovos e frango), o que resultou em queda nas vendas e cotações reais do setor ao longo do ano. Segundo a equipe Boi/Cepea, neste cenário de crise econômica, alta da inflação e desemprego, o consumo de carne bovina ficou limitado e restringiu o aumento dos preços. As exportações brasileiras recuaram durante o ano devido a redução da demanda internacional, especialmente dos países dependentes do petróleo, o que acabou limitando os embarques nacionais. Para a indústria de couro e calçados, a redução da receita reflete os menores preços no ano de 2016 (-3,28%), e a redução da produção, estimada em -1,10%. O atual cenário econômico brasileiro e a redução da demanda interna têm gerado reduções no faturamento desta indústria, conforme destacado em relatórios anteriores.



CEPEA



SEGMENTO DE AGROSSERVIÇOS

O segmento de serviços do agronegócio, que compreende todos os serviços de comercialização e distribuição dos produtos agropecuários/agroindustriais, registrou crescimento de 0,22% em dezembro, acumulando alta de 4,50% de janeiro a dezembro de 2016. No mês, o crescimento

está atrelado à elevação registrada no ramo agrícola, estimada em 0,42%, já que o ramo pecuário teria recuado 0,23%. Para os serviços referentes à agricultura e pecuária, as altas registradas no acumulado do ano foram de 6,25%, 0,70%, respectivamente.



CONCLUSÕES

De janeiro a dezembro de 2016, o PIB do agronegócio brasileiro acumulou crescimento de 4,48%. O ramo agrícola seguiu em alta, com elevação de 0,18% em dezembro, enquanto o pecuário recuou 0,04%, dados que resultaram em variação positiva de 0,11% no agronegócio no mês. A valorização real acumulada de preços, especialmente para os segmentos primários, contribuiu para a manutenção do desempenho positivo no acumulado do ano, uma vez que, em volume, o cenário seguiu em baixa para atividades importantes.

No segmento de insumos, a indústria de rações se destacou com variações positivas, impulsionada principalmente pelos maiores preços, devido à elevação das cotações do milho e farelo de soja. Por outro lado, houve quedas para fertilizantes e combustíveis e lubrificantes, tanto em preço quanto em quantidade.

No primário agrícola, destacam-se as fortes elevações reais de preços da mandioca, milho e feijão de 2015 para 2016. Quanto à produção, café e trigo apresentam as maiores elevações em volume no período. Para 2017, o segmento primário agrícola deve seguir em destaque, dadas as previsões de safra recorde para importantes culturas, como milho e soja, segundo a Conab.

Para o segmento primário da pecuária, enquanto a avicultura seguiu positiva, a bovinocultura de corte pressionou o desempenho. Tal fato reflete, em certa medida, a substituição do consumo de proteínas mais caras pelas de menor valor. Já a ativi-

dade leiteira destacou-se pela elevação significativa do patamar de preços em 2016, motivada pela baixa oferta do produto.

A atividade industrial acumulou resultado positivo em 2016, puxada pelo maior faturamento anual da indústria de base agrícola, principalmente pelas atividades do setor sucroenergético, beneficiadas pelo alto patamar de preços do açúcar no mercado global.

Com relação ao ambiente macroeconômico brasileiro, a conjuntura de 2016 confirmou-se desfavorável, com recuo de 3,6% no PIB nacional, segundo o IBGE. Ao longo do ano, houve queda no nível de emprego, mas destaca-se a reversão da tendência inflacionária e desvalorização cambial. O ano de 2017 ainda segue no campo da incerteza, ainda que as projeções do mercado, até o momento, já deem sinais de recuperação. De acordo com o relatório Focus do Banco Central (de 17 de março de 2017), prevê-se crescimento de 0,48% do PIB brasileiro em 2017, com IPCA abaixo do centro da meta de inflação e taxa de câmbio a um patamar próximo ao atual. Tais projeções indicam melhora nas expectativas do mercado, mas ainda é necessário fazer uma ressalva quanto à resiliência da crise político-institucional brasileira e à incerta eficácia das reformas apresentadas pelo governo até o momento, que, aliadas à elevação sistemática da taxa de desemprego e à queda de renda da população ainda não permitem a configuração de perspectivas mais otimistas.



Tabela 1 - Variação do PIB do agronegócio nacional (%)

AGROPECUÁRIA					
2016/2015	Insumos	Primário (A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global (B)
Dezembro	0,42	0,65	0,12	0,17	0,33
Janeiro	0,29	0,53	0,36	0,32	0,39
Fevereiro	0,43	0,65	0,89	0,80	0,74
Março	-0,04	0,11	0,50	0,20	0,23
Abril	0,17	0,31	0,28	0,33	0,29
Maio	0,23	0,38	0,18	0,27	0,27
Junho	0,86	1,22	0,21	0,57	0,70
Julho	0,41	0,60	-0,70	0,11	0,07
Agosto	0,64	1,07	0,49	0,77	0,77
Setembro	0,29	0,59	0,51	0,59	0,53
Outubro	0,04	0,58	-0,01	0,20	0,24
Novembro	0,02	0,24	-0,09	0,04	0,06
Dezembro	-0,15	0,00	0,22	0,22	0,11
Acum. no Período (2016)	3,22	6,44	2,85	4,50	4,48

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

AGRICULTURA					
2016/2015	Insumos	Primário (A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global (B)
Dezembro	0,69	1,12	0,15	0,22	0,46
Janeiro	0,62	1,21	0,44	0,57	0,69
Fevereiro	0,50	0,91	1,02	1,08	0,96
Março	-0,10	0,28	0,58	0,34	0,36
Abril	-0,02	0,37	0,35	0,47	0,36
Maio	0,26	0,69	0,18	0,36	0,37
Junho	1,06	1,90	0,21	0,70	0,85
Julho	0,28	0,94	-0,89	0,02	-0,04
Agosto	0,24	1,04	0,49	0,77	0,68
Setembro	0,01	0,79	0,53	0,72	0,60
Outubro	0,29	1,19	-0,01	0,36	0,43
Novembro	-0,17	0,44	0,04	0,26	0,19
Dezembro	-0,49	-0,06	0,32	0,42	0,18
Acum. no Período (2016)	2,49	10,12	3,30	6,25	5,77

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.



PECUÁRIA					
2016/2015	Insumos	Primário (A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global (B)
Dezembro	0,03	0,09	-0,07	0,04	0,05
Janeiro	-0,18	-0,29	-0,20	-0,24	-0,25
Fevereiro	0,33	0,33	0,03	0,19	0,25
Março	0,05	-0,09	-0,07	-0,09	-0,07
Abril	0,43	0,22	-0,17	0,01	0,15
Maió	0,19	-0,01	0,19	0,06	0,06
Junho	0,57	0,39	0,22	0,28	0,37
Julho	0,60	0,18	0,53	0,31	0,33
Agosto	1,20	1,10	0,51	0,77	0,95
Setembro	0,67	0,33	0,40	0,29	0,38
Outubro	-0,30	-0,21	-0,06	-0,17	-0,19
Novembro	0,28	-0,02	-0,97	-0,47	-0,22
Dezembro	0,32	0,07	-0,49	-0,23	-0,04
Acum. no Período (2016)	4,24	2,01	-0,09	0,70	1,72

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: "dentro da porteira"; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços. **Fonte:** CEPEA-USP e CNA

Tabela 2 - Variações Mensais e Acumulada no ano (%) da Agroindústria 2016

INDÚSTRIA						
2016/2015	Madeira e Mobiliário	Celulose, Papel e Gráfica	Elementos Químicos	Têxtil	Vestuário	Café
Dezembro	-2,20	0,73	2,03	-1,81	-2,71	0,31
Janeiro	-1,19	0,61	1,67	-1,37	-1,41	0,06
Fevereiro	-1,15	0,84	1,61	-1,44	-1,23	-0,11
Março	-1,49	0,65	2,46	-1,73	-1,28	0,13
Abril	-1,49	0,33	0,28	-1,63	-1,13	0,21
Maió	-1,74	0,43	0,23	-1,16	-1,34	0,27
Junho	-1,83	-0,10	0,77	-1,13	-1,79	0,36
Julho	-1,36	-0,43	-3,99	-0,47	-1,31	0,50
Agosto	-0,80	-0,51	0,68	0,32	-1,49	0,61
Setembro	-0,72	-0,51	0,74	0,99	-0,44	0,40
Outubro	-0,02	-0,13	0,15	1,11	-0,42	2,65
Novembro	0,50	0,31	-0,77	1,61	0,61	2,21
Dezembro	0,89	-0,33	-0,79	1,68	2,03	1,45
Acum. no Período (2016)	-9,96	1,16	2,95	-3,26	-8,89	9,04



INDÚSTRIA							
2016/2015	Beneficiamento de Produtos Vegetais	Açúcar	Óleos Vegetais	Outros Alimentos	Calçados	Abate de Animais	Laticínios
Dezembro	-2,01	1,39	1,03	-0,19	-1,79	0,11	0,02
Janeiro	-0,71	3,12	1,66	-0,01	-0,89	-0,22	0,05
Fevereiro	3,64	2,88	1,50	0,22	-0,66	-0,04	0,36
Março	-1,19	2,00	0,52	0,23	-0,89	-0,24	0,49
Abril	1,63	2,35	0,76	0,38	-0,71	-0,41	0,47
Mai	-0,34	2,64	1,07	0,55	-0,81	-0,09	1,05
Junho	-1,05	3,46	0,95	0,64	-0,69	-0,09	1,10
Julho	-1,14	7,76	0,44	1,07	-1,15	0,17	1,68
Agosto	0,52	4,29	-0,51	0,93	0,36	0,00	1,56
Setembro	0,66	4,43	-0,13	0,72	0,00	-0,29	1,84
Outubro	-2,42	4,64	-2,01	0,23	0,60	-0,34	0,33
Novembro	-1,42	4,01	-0,38	0,28	0,33	-0,94	-1,33
Dezembro	0,43	3,20	-0,26	0,91	0,08	-0,80	-0,03
Acum. no Período (2016)	-1,52	55,04	3,60	6,33	-4,37	-3,25	7,80

Fonte: CEPEA-USP e CNA

Tabela 3 - PIB do agronegócio brasileiro de 1994 a 2016 (R\$ bilhões de 2016*)

AGROPECUÁRIA					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	80,64	216,54	303,73	303,52	904,44
1995	78,15	221,93	325,88	304,91	930,87
1996	79,00	213,47	311,56	311,73	915,76
1997	77,92	210,44	313,33	305,99	907,67
1998	82,55	223,56	296,82	310,00	912,93
1999	89,70	223,30	304,86	311,89	929,75
2000	92,41	221,39	307,98	308,88	930,66
2001	96,15	231,56	305,65	313,56	946,92
2002	110,23	259,12	323,44	337,53	1030,32
2003	124,00	289,76	332,71	351,18	1097,65
2004	125,72	287,26	349,51	363,20	1125,69
2005	112,95	259,25	349,97	351,09	1073,26
2006	109,92	253,73	359,82	354,65	1078,12
2007	124,19	284,64	375,48	378,89	1163,21
2008	146,30	326,40	385,39	398,84	1256,93
2009	130,36	301,63	370,38	381,84	1184,20
2010	136,59	334,57	394,97	407,35	1273,47
2011	153,55	374,08	389,53	422,33	1339,49
2012	153,06	363,46	374,41	409,89	1300,82
2013	159,19	395,98	386,85	426,26	1368,28
2014	163,05	412,84	384,83	430,37	1391,10
2015	168,32	423,49	387,59	434,56	1413,96
2016	173,73	450,78	398,64	454,13	1477,28



CEPEA

AGRICULTURA

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	51,65	126,58	256,84	217,36	652,43
1995	49,21	126,62	273,91	214,41	664,14
1996	51,02	125,92	259,17	222,15	658,26
1997	50,86	125,67	263,52	219,43	659,49
1998	53,46	132,25	249,09	218,92	653,72
1999	56,22	125,42	256,38	216,49	654,52
2000	55,64	116,47	258,94	210,15	641,20
2001	58,85	126,41	255,43	212,74	653,43
2002	68,54	149,07	272,37	233,03	723,02
2003	78,93	172,86	282,16	244,37	778,32
2004	79,72	169,86	297,40	253,89	800,86
2005	67,71	143,59	298,94	244,35	754,59
2006	66,87	143,22	311,22	253,15	774,45
2007	76,15	160,77	323,09	266,97	826,97
2008	92,72	187,96	330,47	277,41	888,56
2009	79,85	170,65	321,23	269,90	841,62
2010	83,48	191,47	343,97	289,14	908,06
2011	93,40	217,41	337,92	298,23	946,95
2012	94,13	217,00	326,67	294,46	932,26
2013	94,62	222,70	335,93	297,65	950,89
2014	94,02	223,40	332,71	293,85	943,99
2015	98,14	231,29	336,47	297,63	963,52
2016	100,58	254,70	347,56	316,23	1019,08

PECUÁRIA

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	28,99	89,96	46,89	86,17	252,01
1995	28,95	95,31	51,97	90,50	266,72
1996	27,98	87,55	52,39	89,58	257,50
1997	27,05	84,77	49,80	86,55	248,18
1998	29,09	91,30	47,73	91,08	259,21
1999	33,47	97,89	48,48	95,40	275,23
2000	36,77	104,92	49,04	98,73	289,46
2001	37,30	105,16	50,22	100,82	293,49
2002	41,69	110,05	51,06	104,50	307,31
2003	45,07	116,91	50,55	106,81	319,33
2004	46,00	117,41	52,11	109,31	324,83
2005	45,24	115,66	51,03	106,75	318,67
2006	43,05	110,51	48,60	101,50	303,67
2007	48,05	123,87	52,40	111,92	336,23
2008	53,58	138,44	54,92	121,43	368,37
2009	50,51	130,99	49,15	111,94	342,58
2010	53,12	143,10	51,00	118,21	365,41
2011	60,15	156,67	51,61	124,10	392,54
2012	58,93	146,45	47,74	115,43	368,56
2013	64,57	173,28	50,92	128,61	417,39
2014	69,03	189,44	52,12	136,52	447,11
2015	70,18	192,21	51,12	136,93	450,44
2016	73,16	196,08	51,07	137,90	458,20

Fonte: CEPEA-USP e CNA. *Tomando-se como base a taxa de crescimento acumulada em 2016


CEPEA